

SOCIOLOGIA E LINGUAGEM DO TEXTO BÍBLICO

Terminologias, instituições e categorias para uma leitura não anacrônica da Bíblia

Paulo Henrique Tavares

A Bíblia é eterna em sua autoridade, mas não é atemporal em sua linguagem.

- **Leitura:**

 **Ne 8.8:** “*Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia.*”

Compreender a Bíblia exige mais do que ler suas palavras. Uma palavra pode ser reconhecida pelo leitor e, ainda assim, não ser compreendida conforme o sentido que possuía no mundo em que foi utilizada. A leitura bíblica ocorre sempre por meio de categorias, experiências e conceitos que o próprio leitor traz consigo; por isso, uma das tarefas fundamentais da interpretação é aprender a distinguir entre aquilo que pertence ao texto e aquilo que nós, conscientemente ou não, levamos para ele.

- **Apresentação:**

A Bíblia foi escrita em contextos históricos concretos, por autores inseridos em sociedades específicas e dirigida, inicialmente, a pessoas que compartilhavam determinadas linguagens, instituições, costumes e formas de compreender o mundo. Embora sua mensagem possua autoridade permanente, suas palavras foram registradas dentro de realidades sociais que não podem ser simplesmente confundidas com as categorias do mundo moderno.

O leitor contemporâneo, entretanto, aproxima-se naturalmente do texto bíblico trazendo consigo seu próprio vocabulário e suas próprias estruturas de pensamento. Palavras como *povo, família, casa, servo, judeu, gentio, igreja, sacerdote, reino* ou *lei* podem parecer imediatamente compreensíveis, mas frequentemente carregam, no texto bíblico, sentidos sociais, históricos e linguísticos que não correspondem exatamente às concepções atuais. Ler uma palavra conhecida não significa, necessariamente, compreendê-la como seus primeiros leitores a compreendiam.

 **At 8.30-31:** “*Correndo Filipe, ouviu que ia lendo o profeta Isaías e perguntou: Entendes o que lês? Ele respondeu: Como poderei entender, se alguém não me ensinar?*”

- **Base do curso.**

Este curso propõe, portanto, uma aproximação ao texto bíblico a partir de suas terminologias, instituições e categorias sociais. Seu objetivo é ajudar o estudante a reconhecer o mundo pressuposto pelo texto: as formas de organização familiar, política e religiosa; as identidades coletivas; as relações de parentesco e pertencimento; as instituições que estruturavam a vida social; e as categorias por meio das quais homens e mulheres do mundo bíblico interpretavam a realidade.

Não se trata de reduzir a Bíblia à sociologia, nem de submeter sua autoridade às teorias modernas. A sociologia e o estudo da linguagem são utilizados aqui como instrumentos de leitura, capazes de nos ajudar a perceber aquilo que muitas vezes permanece invisível ao leitor moderno: as pressuposições sociais presentes por trás das palavras e dos acontecimentos narrados pelo texto.

📖 **Hb 1.1-2:** *“Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.”*

- **Aplicação.**

Uma preocupação central do curso será evitar o anacronismo — isto é, a transferência automática de conceitos, instituições e identidades de um período histórico para outro. Nem todas as categorias que utilizamos hoje existiam no mundo bíblico, e mesmo aquelas que possuem nomes semelhantes podem ter desempenhado funções diferentes. Por isso, compreender a Bíblia exige, muitas vezes, interromper nossas associações imediatas e perguntar: o que essa palavra significava naquele contexto? Como essa instituição funcionava? Que realidade social essa categoria procurava descrever?

📖 **1Co 14.10-11:** *“Há, sem dúvida, muitos tipos de vozes no mundo, e nenhuma delas é sem sentido. Se, pois, eu ignorar a significação da voz, serei bárbaro para aquele a quem falo, e o que fala será bárbaro para mim.”*

- **Propósito.**

O propósito deste estudo é, portanto, simples: aprender a ler o mundo bíblico em suas próprias categorias antes de interpretá-lo a partir das nossas. Quanto mais cuidadosamente reconhecermos as terminologias, instituições e formas de pensamento que estruturam o texto, mais preparados estaremos para ouvir o que ele realmente diz, evitando que nossas próprias categorias ocupem o lugar daquelas que estão presentes no mundo em que a Escritura foi produzida.

📖 **Mc 7.8-9; 13:** *“Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens. E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição. [...] invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes.”*

INTRODUÇÃO:

Há uma pergunta que deve nos desconfortar.

Quando abrimos a Bíblia, geralmente acreditamos que sabemos o que suas palavras significam. Lemos termos conhecidos, reconhecemos instituições aparentemente familiares e rapidamente associamos personagens, acontecimentos e conceitos às categorias que aprendemos em nosso próprio mundo. Entretanto, essa familiaridade pode esconder um perigo:

→ Será que estamos realmente lendo a Bíblia como ela foi escrita ou estamos lendo a Bíblia através das categorias, conceitos e experiências que pertencem à nossa própria sociedade?

Uma palavra pode nos parecer conhecida e, ainda assim, possuir no mundo bíblico um significado diferente daquele que imediatamente lhe atribuímos. Uma instituição pode receber um nome que reconhecemos, mas funcionar segundo estruturas completamente distintas das nossas. Assim, antes de perguntar o que o texto significa para nós, precisamos aprender a perguntar o que suas palavras, instituições e categorias significavam dentro do mundo em que o próprio texto foi produzido.

▪ Exercício útil:

O parágrafo seguinte seria facilmente compreendido em Minas Gerais. Entretanto, embora mantenha o idioma e uma construção textual contemporânea, apresentaria algum grau de dificuldade para leitores de outras regiões do Brasil.

Arreda um pouco esse trem daí para eu sentar e vê se acha meu atador, porque preciso garrar no trabalho. Esse menino é custoso demais: fez um bololô, avuou meus trens e, na hora em que a chuva apertou, cascou fora. Põe reparo, fiquei capiongo com a situação que até caiu meu disjuntor, mas também não vou gastar vela com defunto ruim; ainda mais porque aquele sujeito é amarrado demais e deixou aquele trem todo para eu resolver.

A música a seguir, intitulada “Do Fundo da Grota”, pertence ao cantor e compositor Baitaca, nome artístico de Antônio César Pereira Jacques, e está inserida no estilo nativista tradicionalista da música gaúcha.

Fui criado na campanha Em rancho de barro e capim Por isso é que eu canto assim Pra lembrar meu passado Eu me criei arremedado Dormindo pelos galpão	Região biogeográfica dos pampas gaúchos; extensas planícies e campos abertos voltados predominantemente para a pecuária. Habitação rural construída de pau-a-pique (paredes de barro entrelaçado em madeira) e coberta com capim trançado. Viver improvisado, encolhido, ajeitado como dá, de forma precária contra o frio.
---	--

Perto de um fogo de chão Com os cabelo enfumaçado	Centro da convivência campeira, onde se guardam os aperos (arreios do cavalo), prepara-se o chimarrão e acolhem-se os peões. O fogo aceso diretamente no solo, no centro do galpão ou ao ar livre (roda para se aquecer, tomar chimarrão, assar carne e contar histórias. É um dos maiores símbolos da identidade e hospitalidade sul-riograndense.
Escuto o grito do sorro E lá no piquete Relincha o potro tordilho Na boca da noite Me aparece um zorrilho Vem mijar perto de casa Pra enticar com a cachorrada	Nome popular dado no Rio Grande do Sul e países platinos ao graxaim (uma espécie de raposa nativa da região). O "grito do sorro" é o som característico desse animal ao anoitecer, um sinal típico da vida no meio do campo deserto. Pequena área gramada e cercada, situada próxima à casa ou ao galpão da estância, destinada a manter cavalos de uso diário, animais doentes ou potros em amansamento. (idade e pelagem) Uma das pelagens mais tradicionais dos cavalos gaúchos, caracterizada por pelos brancos mesclados com preto ou cinzas. Mamífero carnívoro da família dos mefitídeos (equivalente ao gambá americano), famoso por expelir o odor forte e incômodo. Instigar, provocar perturbação.

1 – Categorias e significados anacrônicos.

Antes de discutirmos conceitos, instituições ou terminologias, precisamos começar com algumas perguntas aparentemente simples. Elas têm o objetivo de revelar um problema fundamental da leitura bíblica: frequentemente acreditamos compreender determinadas palavras porque elas nos são familiares, sem perceber que estamos atribuindo a elas significados construídos em nosso próprio mundo.

2 – Abraão era judeu?

A pergunta parece simples. Abraão era semita? Era hebreu? Era israelita? Era judeu? Pertencia ao judaísmo? Moisés era semita, israelita ou judeu? Davi era judeu? Jesus era judeu? Paulo era judeu? Em que momento essas diferentes designações podem ser utilizadas e o que cada uma delas significava?

 **Gn 14.13:** *"Então, veio um que escapara e o contou a Abrão, o hebreu, que habitava junto dos carvalhais de Mambre, o amorreu, irmão de Escol e de Aner; estes eram aliados de Abrão."*

Temos aqui a designação hebreu. Posteriormente, Jacó recebe outro nome:

 **Gn 35.10:** *"Disse-lhe Deus: O teu nome é Jacó; já não te chamarás Jacó, mas Israel será o teu nome. E lhe deu o nome de Israel."*

Agora surge Israel, e seus descendentes serão conhecidos como israelitas. Em outro período histórico, encontramos a designação judeu.

 **Et 2.5:** *"Ora, na cidadela de Susã havia um homem judeu, cujo nome era Mordecai, filho de Jair, filho de Semei, filho de Quis, homem benjamita,"*

As palavras não devem ser simplesmente tratadas como sinônimos atemporais. Cada uma pertence a contextos históricos e sociais específicos. Assim, antes de afirmar que Abraão, Moisés ou Davi eram "judeus", precisamos perguntar se estamos utilizando uma categoria historicamente adequada ao período em que viveram.

3 – Jesus era judeu ou era cristão?

A primeira pergunta normalmente recebe uma resposta imediata: sim para as duas questões.

 **At 11.26:** *E, em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos.*

 **Jo 4.9:** *"Disse-lhe, pois, a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?"*

A simples existência do primeiro texto já nos obriga a considerar o desenvolvimento histórico das terminologias. Não podemos simplesmente transportar para os primeiros anos da vida de Jesus todas as categorias religiosas e institucionais que posteriormente seriam desenvolvidas pelo cristianismo. O segundo, nos obriga a perguntar o que a personagem samaritana queria dizer ao afirmar que Jesus era judeu.

- **Isso nos leva a uma pergunta metodológica:**

Quando utilizamos uma palavra bíblica, estamos utilizando-a como o texto e seus primeiros leitores a compreenderiam ou estamos atribuindo-lhe um significado construído posteriormente?

4 – Os discípulos e a igreja.

Imagine a seguinte afirmação: Os discípulos foram à igreja. Para um leitor contemporâneo, essa frase provavelmente produziria uma imagem imediata: um prédio, um culto, uma congregação organizada ou uma instituição religiosa semelhante àquela que conhecemos hoje.

 **At 14.23:** *"E, promovendo-lhes, em cada igreja, a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido."*

 **Mt 18.17:** *"E, se recusar ouvir aos tais, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano."*

O que exatamente a palavra “igreja” significava nesses textos? O leitor não deve automaticamente transportar para a *ekklesia* do primeiro século toda a estrutura, história e organização que a palavra igreja adquiriu posteriormente.

O mesmo problema ocorre com muitas outras palavras. Quando lemos *casa*, pensamos apenas em uma construção? Quando lemos *servo*, imaginamos automaticamente uma categoria específica de trabalho? Quando lemos *povo*, pensamos em uma nação moderna? Quando lemos *família*, imaginamos a estrutura familiar contemporânea?

Essas perguntas nos conduzem ao problema central desta disciplina:

→ Será que realmente estamos lendo a Bíblia como ela foi escrita, ou estamos lendo a Bíblia através das categorias que aprendemos em nosso próprio mundo?

I – SOCIOLOGIA E LINGUAGEM DO TEXTO BÍBLICO

Os pontos a seguir constituem o eixo metodológico deste curso. Eles orientam a maneira como nos aproximaremos das palavras, instituições e categorias presentes no texto bíblico. Partiremos do reconhecimento de que a Bíblia foi produzida em um mundo diferente do nosso, que suas palavras não podem ser interpretadas isoladamente e que sua compreensão exige atenção às terminologias, instituições e categorias sociais que estruturavam aquele universo. Ao mesmo tempo, aprenderemos a reconhecer os perigos do anacronismo, sem abandonar a possibilidade de estabelecer analogias legítimas entre o mundo bíblico e o nosso.

1 – A Bíblia não nasceu em nosso mundo.

A Bíblia não nasceu em nosso mundo. Embora seja lida hoje por pessoas de diferentes países, culturas e períodos históricos, seus livros foram produzidos em sociedades concretas, dentro de línguas, costumes, instituições e formas de organização próprias. Entre o leitor contemporâneo e os primeiros destinatários do texto existe uma distância histórica, social e cultural que não pode ser ignorada.

A – A Bíblia foi escrita em:

- sociedades antigas;
- línguas antigas;
- estruturas familiares antigas;
- sistemas políticos antigos;
- economias antigas;
- instituições religiosas antigas;
- sistemas de honra e vergonha;
- relações de parentesco;
- concepções próprias de tempo e espaço.

 **Lc Mt 10.14:** *“E, se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, saindo daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés.”*

O leitor moderno pode entender esse gesto simplesmente como: “Se alguém não gostar da minha pregação, vou embora”, ou como uma mera demonstração de irritação ou desprezo. Entretanto, há uma linguagem social e simbólica por trás do ato de sacudir o pó dos pés. No contexto da missão dos discípulos, tratava-se de um gesto simbólico de ruptura e testemunho: ao deixar uma casa ou cidade que rejeitara a mensagem, os discípulos demonstravam que não assumiriam responsabilidade por aquela rejeição, deixando para trás até mesmo o pó daquele lugar como sinal de separação e de que o testemunho lhes havia sido dado. Além disso, havia no contexto judaico uma associação entre o pó de território gentílico e a impureza. Assim, quando Jesus ordena que os discípulos realizem esse gesto diante de uma cidade israelita que rejeitara a

mensagem, ela é simbolicamente tratada como estando em condição semelhante à de um território gentílico. Trata-se, portanto, de um ato de testemunho e advertência de juízo, e não de uma simples manifestação pessoal de irritação ou desprezo.

B – O texto descreve um gesto; a cultura fornece seu significado.

Os autores bíblicos falavam de realidades que seus primeiros leitores conheciam. Quando mencionavam uma casa, uma família, um sacerdote, um rei, um escravo, uma cidade, um sacrifício ou uma festa, não precisavam explicar todos os aspectos dessas realidades. Elas pertenciam ao mundo compartilhado entre autor e leitor.

 **Lc 13.25:** *"Quando o pai de família se levantar e fechar a porta, e vós, do lado de fora, começardes a bater à porta, dizendo: Senhor, abre-nos! ele vos responderá: Não sei donde vós sois."*

Para compreender plenamente uma imagem como essa, não basta conhecer isoladamente o significado das palavras *casa*, *porta* e *dono*. A imagem pressupõe experiências sociais comuns aos ouvintes de Jesus e utiliza uma realidade conhecida para comunicar uma verdade maior.

Culturalmente, a imagem pressupõe a casa antiga como espaço de pertencimento e proteção, especialmente durante uma refeição, celebração ou reunião. O pai de família (*oikodespotēs*) é o senhor da casa, responsável por admitir e reconhecer aqueles que pertencem ao ambiente doméstico. Enquanto a porta permanece aberta, há acesso; uma vez encerrada a ocasião e fechada a porta, os que ficaram do lado de fora são excluídos daquele espaço de comunhão e segurança.

Isso não significa que a Bíblia seja incapaz de falar ao nosso mundo. Significa, antes, que devemos evitar o caminho inverso: não devemos imaginar que o mundo bíblico era automaticamente semelhante ao nosso apenas porque utilizava palavras que também reconhecemos.

2 – Palavras não existem isoladamente.

Uma palavra não carrega seu significado de maneira isolada. Seu sentido é determinado pelo uso, pelo contexto, pela relação com outras palavras e, frequentemente, pela realidade social à qual se refere.

Podemos reconhecer uma palavra e, ainda assim, não compreender aquilo que ela significa no texto.

 **Js 24.15:** *"Eu e a minha casa serviremos ao Senhor."*

Um leitor contemporâneo poderia associar imediatamente a palavra *casa* ao edifício em que uma família mora ou que se refere àqueles que pertencem à unidade doméstica de Josué.

A palavra “casa” não deve ser imediatamente entendida como o edifício onde Josué morava, nem reduzida ao conceito moderno de família nuclear. No mundo israelita, “casa” podia designar um grupo mais amplo de parentesco, descendência e dependência organizado em torno de uma autoridade. No contexto específico de Josué 24, a expressão também deve ser compreendida em contraste com as tribos de Israel reunidas diante de Josué: enquanto o povo decide a quem servirá, Josué declara que ele e todos aqueles pertencentes à sua casa permanecerão servindo ao Senhor. Assim, não devemos substituir automaticamente “casa” por uma categoria contemporânea, mas procurar compreender o que essa estrutura de pertencimento significava no mundo social do texto.

 **At 16.31:** “*Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa.*”

No texto acima, a palavra *casa* aparece novamente, mas sua compreensão exige que consideremos a estrutura da unidade doméstica no mundo antigo.

Conhecer a tradução de uma palavra é importante, mas não encerra o trabalho interpretativo. Precisamos perguntar: como essa palavra estava sendo utilizada? Que realidade ela pressupunha? O que seus primeiros leitores compreenderiam ao ouvi-la?

→ Uma palavra pode ser linguisticamente conhecida e, ainda assim, exigir investigação quanto à amplitude de seu significado sociológico.

Portanto, entre uma palavra e sua interpretação existe um caminho:

- PALAVRA → lexicografia
- CONTEXTO → funcionalidade
- USO → sentido aplicado
- MUNDO SOCIAL → pressupostos autorais

3 – Terminologias, instituições e categorias.

O título deste curso reúne três elementos fundamentais para uma leitura mais cuidadosa do texto bíblico. A lista a seguir não constitui um esboço ou uma síntese completa do curso, mas apenas demonstra, de maneira introdutória, a diversidade de terminologias, instituições e categorias presentes no texto bíblico e a necessidade de atenção e cuidado na sua leitura e interpretação.

A – Terminologias:

As terminologias dizem respeito às palavras, nomes e designações por meio dos quais o texto identifica pessoas, grupos, funções e realidades.

- hebreu;
- israelita;
- judeu;
- gentio;
- povo;
- estrangeiro;
- casa;
- servo;
- escravo;
- irmão;
- sacerdote;
- igreja;
- reino.

Essas palavras não devem ser automaticamente tratadas como sinônimos de conceitos modernos ou como categorias que permaneceram idênticas durante toda a história bíblica.

 **Gn 14.13:** *“Veio, porém, um dos que escaparam e o anunciou a Abrão, o hebreu...”*

 **Gn 35.10:** *“Disse-lhe Deus: O teu nome é Jacó. Já não te chamarás Jacó, porém Israel será o teu nome. E lhe chamou Israel.”*

 **Et 2.5:** *“Ora, havia em Susã, a cidadela, certo homem judeu, da tribo de Benjamim, cujo nome era Mordecai, filho de Jair, filho de Semei, filho de Quis,”*

B – Instituições:

As instituições são estruturas que organizam a vida social. Por exemplo, o levirato é apresentado em Deuteronômio. Para o leitor moderno, a prática pode parecer estranha. Entretanto, antes de julgá-la a partir de nossas próprias categorias, precisamos perguntar: qual era sua função dentro daquela sociedade? A resposta envolve descendência, nome, propriedade, herança e continuidade familiar.

Entre as instituições presentes no mundo bíblico encontramos:

- família;
- casamento;
- parentesco;
- clã;

- tribo;
- monarquia;
- sacerdócio;
- templo;
- escravidão;
- propriedade;
- herança;
- tribunal;
- sacrifício.

Observe, por exemplo, a instituição da herança. Não trata apenas de uma transferência individual de bens. A herança estava ligada à organização familiar, à descendência, à posse da terra e à continuidade da casa dentro de Israel. Ler o texto apenas com as categorias contemporâneas de patrimônio ou sucessão pode ocultar a complexidade institucional que ele pressupõe.

 Nm 27.8: *"Se alguém morrer e não tiver filho, então, fareis passar a sua herança à sua filha."*

Outro exemplo é o levirato. Para compreender essa determinação, não basta observar o casamento como uma decisão individual entre duas pessoas. A instituição pressupõe questões relacionadas à descendência, à continuidade do nome, à herança e à preservação da casa do falecido.

 Dt 25.5: *"Se irmãos morarem juntos, e um deles morrer sem filhos, a mulher do falecido não se casará fora, com estranho; seu cunhado a tomará e a receberá por mulher, e cumprirá para com ela o dever de cunhado."*

C – Categorias:

As categorias são formas por meio das quais uma sociedade organiza, distingue e interpreta a realidade. Elas ajudam a definir o que pertence ou não a determinado grupo, o que pode ou não pode ser feito, o que é considerado apropriado, impuro, honroso ou vergonhoso.

- puro e impuro;
- santo e profano;
- israelita e estrangeiro;
- livre e escravo;
- rico e pobre;
- honra e vergonha;
- pertencimento e exclusão.

Um exemplo particularmente importante encontra-se em Levítico 10.10. O texto revela categorias fundamentais para a organização da realidade religiosa de Israel. Santo e profano, assim como limpo e imundo, não são simplesmente sinônimos de “bom e mau” ou “moral e imoral”. Essas distinções organizavam aspectos do culto, do acesso ao espaço sagrado e da vida comunitária.

Assim, antes de transportar automaticamente essas palavras para nossas categorias contemporâneas, é necessário perguntar: como essas distinções funcionavam no mundo social e religioso de Israel na época em que foi escrito?

 **Lv 10.9-10:** *"Vinho ou bebida forte tu e teus filhos não bebereis quando entrardes na tenda da congregação, para que não morrais; estatuto perpétuo será isso entre as vossas gerações, para fazerdes diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo"*

Portanto, entre uma palavra e sua interpretação existe uma organização:

- **TERMINOLOGIAS** → Como o texto nomeia a realidade?
- **INSTITUIÇÕES** → Como a sociedade organiza a realidade?
- **CATEGORIAS** → Como a sociedade distingue e interpreta a realidade?

4 – A contextualização da estrutura social ilumina o texto.

Compreender o contexto cultural de um texto bíblico não significa acrescentar informações externas à Bíblia para torná-la mais interessante. Significa reconhecer que os autores bíblicos escreveram dentro de estruturas sociais, políticas, econômicas, familiares e religiosas concretas que eram conhecidas pelos primeiros leitores, mas não são necessariamente conhecidas pelo leitor contemporâneo.

Por vezes, uma informação histórica ou sociológica aparentemente secundária é justamente aquilo que permite compreender por que determinada palavra ou conceito foram utilizados, por que determinada personagem ocupava determinada posição ou por que determinada situação produziu determinada reação. O contexto não substitui o texto; ele pode tornar visível aquilo que o texto pressupõe.

- ➔ Há informações que o texto não precisa explicar, porque seus primeiros leitores já conheciam o mundo ao qual ele se refere.
- ➔ Quanto melhor compreendemos o mundo no qual o texto foi produzido, maiores são as possibilidades de perceber aquilo que o texto pressupõe, mas não precisa explicar.

A – Cultura política.

A cultura política diz respeito à forma como o poder era organizado e exercido em determinada sociedade: reis, corregentes, governadores, príncipes, oficiais, tributos, sucessão e relações de vassalagem. Conhecer essa estrutura pode esclarecer títulos, posições e decisões que, para o leitor moderno, parecem estranhas.

 **Dn 5.16:** *“Agora, se puderes ler esta escritura e fazer-me saber a sua interpretação, serás vestido de púrpura, terás uma cadeia de ouro ao pescoço e serás o terceiro no meu reino.”*

A expressão “terceiro no reino” ganha significado quando conhecemos a estrutura política da Babilônia naquele momento. Nabonido era o rei e Belsazar exercia uma posição de corregência. Assim, ao oferecer a Daniel a terceira posição, Belsazar estava oferecendo-lhe a mais elevada posição disponível abaixo dos dois governantes.

B – Cultura religiosa.

A cultura religiosa envolve não apenas crenças, mas também lugares sagrados, divindades, sacerdotes, rituais, símbolos e concepções sobre a atuação dos deuses. Conhecer essas crenças pode revelar dimensões de um episódio que não são imediatamente perceptíveis ao leitor moderno.

 **1Rs 18.19:** *“Agora, pois, manda ajuntar a mim todo o Israel no monte Carmelo, como também os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas do poste-ídolo que comem da mesa de Jezabel.”*

A escolha do monte Carmelo não deve ser tratada como um detalhe geográfico sem importância. O episódio ocorre dentro de um confronto entre o Deus de Israel e Baal, e o conhecimento da religião cananeia ajuda a perceber a ironia da narrativa.

Baal estava associado à tempestade, à chuva e à fertilidade. Depois de anos de seca, o deus que deveria controlar a chuva não havia produzido chuva alguma. E, no confronto do Carmelo, também não consegue responder ao pedido de seus profetas nem mesmo com fogo. A narrativa, portanto, confronta diretamente as pretensões atribuídas a Baal.

C – Cultura militar.

A cultura militar compreende as armas, estratégias, formas de ataque e defesa, organização dos exércitos e técnicas utilizadas nas guerras antigas. Muitas descrições bíblicas pressupõem conhecimentos militares que o leitor contemporâneo pode não possuir.

 **Hc 1.10:** *“Eles zombam dos reis e os príncipes lhes são objeto de escárnio; riem-se de todas as fortalezas, porque, amontoando terra, as tomam.”*

A expressão “amontoando terra” faz referência à construção de rampas de cerco junto às muralhas. Como muitas cidades antigas eram construídas em posições elevadas, os exércitos podiam acumular terra e destroços para criar uma passagem inclinada que permitisse aproximar-se das muralhas e atacá-las. Sem conhecer essa técnica militar, o leitor pode imaginar simplesmente uma ação de empilhar terra, perdendo a força da imagem de uma cidade fortificada sendo progressivamente dominada.

D – Cultura arquitetônica e urbana.

A arquitetura do mundo bíblico estava profundamente relacionada à segurança, à organização social e à vida cotidiana. Cidades, muralhas, portas, torres, casas e palácios não possuíam necessariamente a mesma estrutura que conhecemos hoje. Conhecer sua configuração pode esclarecer acontecimentos que parecem improváveis.

 **Js 2.15:** *“Ela, então, os fez descer por uma corda pela janela, porque a sua casa estava sobre o muro da cidade, e sobre o muro ela habitava.”*

A afirmação de que Raabe possuía uma casa “sobre o muro” pode parecer estranha ao leitor moderno. A arquitetura de Jericó, entretanto, ajuda a compreender a descrição. A cidade possuía estruturas defensivas que permitiam a existência de habitações associadas às muralhas, inclusive em espaços entre suas estruturas. Assim, a localização da casa de Raabe não é um detalhe fantasioso ou meramente literário; ela se relaciona à própria configuração urbana da cidade.

E – Cultura familiar e de parentesco.

A família no mundo bíblico não deve ser automaticamente identificada com o modelo contemporâneo de família nuclear. Relações de sangue, descendência, casamento, clã, tribo, autoridade, herança e continuidade do nome estruturavam profundamente a sociedade. Muitas narrativas bíblicas tornam-se mais compreensíveis quando observamos essas relações.

 **Rt 4.3-5:** *“Disse ao resgatador: Aquela parte da terra que foi de Elimeleque [...] No dia em que tomares a terra da mão de Noemi, também a tomarás da mão de Rute, a moabita, mulher do falecido, para suscitar o nome do falecido sobre a sua herança.”*

O episódio pressupõe uma estrutura familiar na qual terra, descendência, nome e parentesco estavam profundamente relacionados. O resgate da propriedade não pode ser compreendido apenas como uma transação econômica moderna. O contexto familiar e jurídico explica por que a preservação do nome e da descendência do falecido fazia parte da questão.

F – Cultura econômica.

A economia bíblica estava fortemente ligada à terra, à agricultura, ao pastoreio, ao trabalho, à dívida, à propriedade e à subsistência. Termos econômicos aparentemente simples podem carregar implicações sociais importantes.

 **Mt 20.1-2:** *“Porque o reino dos céus é semelhante a um homem, dono de casa, que saiu de madrugada para assalarar trabalhadores para a sua vinha.”*

A parábola pressupõe o sistema de trabalho diário, no qual trabalhadores eram contratados para jornadas específicas. Compreender essa realidade ajuda a perceber por que o pagamento de um denário, a contratação em diferentes horários e a preocupação dos trabalhadores com o sustento fazem parte da força narrativa da parábola.

G – Cultura jurídica e judicial.

A cultura jurídica envolve leis, tribunais, testemunhas, juízes, anciãos, contratos, punições e procedimentos legais. O texto bíblico frequentemente apresenta decisões jurídicas sem explicar detalhadamente os procedimentos porque seus primeiros leitores conheciam essas estruturas.

 **Dt 19.15:** *“Uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer iniquidade ou por qualquer pecado, seja qual for o pecado que cometer; pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato.”*

A exigência de duas ou três testemunhas revela uma estrutura jurídica na qual uma acusação não deveria ser estabelecida simplesmente pela palavra de uma única pessoa. Conhecer esse princípio ajuda a compreender textos posteriores que retomam essa linguagem, como Mt 18.16 e 2Co 13.1.

H – Cultura social: honra, vergonha e pertencimento.

As sociedades bíblicas atribuíam grande importância à honra pública, à vergonha, ao pertencimento e ao reconhecimento social. Muitas ações que parecem estranhas ao leitor moderno tornam-se inteligíveis quando percebemos que preservar ou perder a honra diante da comunidade tinha consequências concretas.

 **Lc 14.7-9:** *“Reparando como os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes uma parábola: Quando por alguém fores convidado para um casamento, não procures o primeiro lugar; para não suceder que, havendo um convidado mais digno do que tu, vindo aquele que te convidou e também a ele, te diga: Dá o lugar a este. Então, irás, envergonhado, ocupar o último lugar.”*

Jesus utiliza uma situação social conhecida: os convidados ocupavam lugares que expressavam sua posição e importância. Escolher o primeiro lugar e posteriormente ser conduzido a um lugar inferior significava experimentar publicamente a vergonha. A instrução de Jesus, portanto, não é apenas uma recomendação sobre boas maneiras; utiliza uma estrutura social de honra e vergonha para ensinar sobre humildade.

I – Cultura agrária e pastoril.

Grande parte das imagens bíblicas nasce de uma sociedade cuja vida estava diretamente relacionada à agricultura, ao pastoreio, às estações, às plantações, às colheitas e aos rebanhos. Por isso, compreender essas atividades ajuda a perceber a força de inúmeras metáforas e parábolas.

 **Sl 1.3:** *“Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem-sucedido.”*

A imagem não é simplesmente uma comparação poética com uma árvore bonita. Ela pressupõe conhecimento de uma realidade agrária: uma árvore plantada junto à água possui melhores condições para sobreviver e produzir fruto, suas raízes são fortes e profundas na terra. O contraste com a palha que é levada pelo vento, algo sem direção, sem raiz, simboliza que não há propósito. Sendo utilizado portanto, elementos familiares de uma sociedade agrícola para comunicar uma verdade espiritual.

5 – Cuidado com o anacronismo.

Um dos maiores perigos da leitura histórica é o anacronismo. Anacronismo é atribuir ao passado categorias, conceitos, instituições ou significados que pertencem a outro período histórico.

O problema ocorre, por exemplo, quando encontramos uma palavra conhecida e supomos que ela possuía, no texto bíblico, exatamente o mesmo significado que possui para nós. Também ocorre quando utilizamos categorias desenvolvidas posteriormente para definir personagens, grupos ou instituições de períodos anteriores.

- **“Abraão era judeu.”**

É necessário cuidado ao afirmar que Abraão era judeu. A pergunta não deve ser resolvida apenas observando que Abraão aparece na história do povo que posteriormente será identificado com os judeus. É preciso considerar que hebreu, israelita, judeu e judaísmo possuem histórias e desenvolvimentos próprios. Do contrário pode se levar para Abraão as crenças, pressupostos e designações sociais que ele se quer conheceu.

📖 Sl 27.4: *"Uma coisa pedi ao Senhor e a buscarei: que eu possa morar na Casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor e meditar no seu templo."*

📖 At 15.21: *"Porque Moisés, desde tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue, sendo lido nas sinagogas todos os sábados."*

- “O Templo é a igreja do Antigo Testamento”
- “A sinagoga era a igreja dos israelitas”

Essa frase pode tentar fazer uma comparação didática, mas se for apresentada como equivalência histórica, torna-se problemática. O Templo e a igreja pertencem a instituições diferentes e não devem ser simplesmente confundidos, da mesma a sinagoga, embora tenha aspectos parecidos, uma associação retirada de seu significado sociológico gera uma incompreensão.

📖 Mt 16.18: *"Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela."*

O leitor moderno pode imediatamente imaginar uma denominação, um prédio ou uma organização semelhante às estruturas eclesiais contemporâneas.

➔ Não devemos levar para o texto uma realidade que ainda não existia, nem pressupor que uma realidade antiga funcionava exatamente como uma realidade moderna com nome semelhante.

6 – Evitar o anacronismo não proíbe analogias.

O cuidado com o anacronismo não exige que tratemos o mundo bíblico como uma realidade completamente isolada e incomparável com o nosso. Comparar é uma ferramenta legítima de ensino e interpretação. O problema não está na analogia, mas em transformá-la em equivalência.

Uma analogia reconhece que duas realidades podem possuir pontos de contato, sem negar que pertencem a contextos diferentes. O anacronismo, por outro lado, apaga essa diferença e atribui a uma realidade antiga características que pertencem a outro tempo.

- ANALOGIA → isto possui alguma semelhança com aquilo.
- ANACRONISMO → isto era exatamente aquilo.

O primeiro estabelece uma ponte entre dois mundos; o segundo pode apagar a distância entre eles.

 **Ex 3.16:** *"Vai, ajunta os anciãos de Israel e dize-lhes: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, me apareceu, dizendo: Certamente vos tenho visitado e visto o que vos tem sido feito no Egito."*

A função de determinados anciãos no mundo bíblico possui algumas semelhanças com formas contemporâneas de liderança. Isso é uma analogia. Mas seria diferente afirmar: Os anciãos eram exatamente como os líderes contemporâneos. Isso transforma uma comparação em equivalência e pode apagar as diferenças históricas.

 **MI 2.7:** *"Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens buscar a instrução, porque ele é o mensageiro do Senhor dos Exércitos."*

Da mesma maneira, podemos afirmar que determinadas estruturas eclesiais antigas possuem características semelhantes às da igreja contemporânea. Seria uma analogia, por exemplo, reconhecer que algumas atribuições e exigências do sacerdote possuem semelhanças com as do pastor contemporâneo; seria, porém, um anacronismo afirmar que o sacerdote era o pastor do Antigo Testamento.

- ➔ O objetivo não é tornar o mundo bíblico incomparável com o nosso. É aprender a fazer comparações depois de reconhecer as diferenças.
- ➔ Primeiro, devemos compreender o mundo bíblico como ele era; depois, poderemos perguntar de que maneira ele se relaciona com o nosso mundo.

II – TERMINOLOGIAS, INSTITUIÇÕES E CATEGORIAS

A partir deste ponto, usaremos a abordagem de avaliação conceitual para examinar termos, instituições e categorias presentes no texto bíblico. O objetivo não será apenas defini-los, mas compreender como eram utilizados e funcionavam em seus respectivos contextos históricos, sociais, culturais e religiosos. Seleccionaremos exemplos representativos para identificar seus significados e os pressupostos do mundo bíblico envolvidos em seu uso. Assim, cada estudo buscará aplicar o princípio fundamental deste curso: compreender primeiro a realidade bíblica em seus próprios termos, antes de interpretá-la a partir das categorias do nosso tempo.

1 – Terminologias para o povo da revelação.

Ao longo da história bíblica, diferentes termos são empregados para designar pessoas e grupos relacionados à história da revelação de Deus. Entretanto, é comum que essas designações sejam tomadas como sinônimas ou aplicadas indistintamente, produzindo confusões históricas, linguísticas e teológicas.

➔ Termos como adamita, setita, semita, hebreu, Israel, judeu e cristão não possuem necessariamente a mesma origem, abrangência ou significado, nem surgem todos no mesmo período da história bíblica.

Além disso, a própria expressão “povo da revelação” precisa ser compreendida com cuidado, pois a história da revelação não pode ser reduzida simplesmente à história de um único grupo étnico. Neste estudo, portanto, examinaremos essas terminologias em sua ordem histórica e em seus respectivos contextos, procurando compreender quem eram, de onde procediam, quando essas designações surgiram e em que sentido foram utilizadas, evitando projetar sobre períodos antigos categorias que pertencem a períodos posteriores. Quando não há um entendimento claro limitado pelo contexto do uso da terminologia, surgem muitos problemas de entendimento da leitura e resultam em interpretações equivocadas a respeito delas.

A – Problemas com as terminologias.

Sem essa delimitação contextual, palavras que parecem equivalentes podem gerar confusões conceituais e interpretações equivocadas, especialmente quando categorias posteriores são projetadas sobre períodos anteriores:

- **Povo da revelação e o judeu** — identificar o povo da revelação com o judaísmo do período de Jesus pode levar à ideia de que Cristo estava apresentando uma nova revelação em ruptura e substituição da anterior (Antigo e Novo Testamento), ao confrontar práticas e interpretações de seu tempo. Entretanto, Jesus não veio abolir a revelação dada por Deus, mas cumpri-la e revelar plenamente seu propósito.

- **Israel e o judaísmo** — talvez seja uma das confusões mais relevantes para a teologia. “Israel” pode designar Jacó, seus descendentes, a comunidade nacional, o reino, o povo da aliança ou, em determinados contextos, um remanescente. Não distinguir essas referências pode produzir argumentos equivocados sobre as promessas feitas a Israel e sua relação com a Igreja.
- **Judeu, Israel e povo da revelação** — a confusão entre esses termos pode produzir consequências importantes para a escatologia. Judeu designa, em determinado contexto histórico, uma identidade étnico-religiosa associada ao judaísmo; Israel refere-se ao povo constituído e conduzido por Deus na história da revelação; e povo da revelação é uma categoria mais ampla, que acompanha o desenvolvimento histórico da revelação divina. No dispensacionalismo, essa distinção é particularmente importante: a preservação escatológica das promessas não significa a preservação do judaísmo como sistema religioso, mas a continuidade das promessas de Deus a Israel como povo, cuja restauração futura não depende da manutenção das práticas judaicas como sistema religioso.

📖 **Mt 5.17:** “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir.”

📖 **Jo 5.46:** “Se, porém, vós crêdes em Moisés, creíeis também em mim, porquanto ele escreveu a meu respeito.”

B – Povo da revelação.

A Bíblia não surgiu no vazio, mas no interior de uma história na qual Deus se revelou progressivamente a pessoas e comunidades concretas. Inicialmente, essa revelação foi recebida e transmitida pela oralidade e, posteriormente, registrada e preservada na literatura bíblica. Podemos, portanto, falar em “povo da revelação” para designar aqueles que, ao longo dessa história, foram alcançados e conduzidos pela revelação divina. Esse povo não constituiu, desde o princípio, uma única nação nem permaneceu em um mesmo território; a história da revelação atravessa gerações, famílias, grupos e diferentes períodos, acompanhando progressivamente a formação de um povo que será identificado, de modo particular, como Israel.

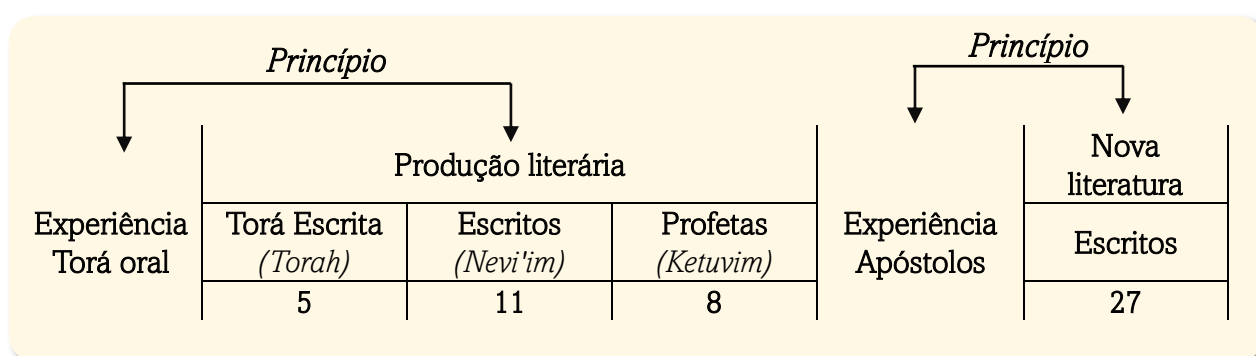
▪ Quem é o povo da revelação?

É o povo por meio do qual Deus escolheu se manifestar e se fazer conhecido na história. Embora essa revelação tenha ocorrido em diferentes épocas, lugares e circunstâncias, ela acompanhou a formação de um mesmo povo e de uma mesma história da revelação. A literatura bíblica surge nesse contexto e, especialmente a partir de Moisés, sintetiza e registra as raízes históricas, religiosas e culturais desse povo, preservando por escrito a revelação recebida ao longo de sua história.

📖 **Ex 19.5-6:** “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; e vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel.”

📖 **Gn 26.4-5:** “Multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e lhe darei todas estas terras. Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra; porque Abraão obedeceu à minha palavra e guardou os meus mandados, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis.”

▪ **Resumo da revelação:**



C – Adamitas.

O termo “adamitas” não é uma designação utilizada pela Bíblia para identificar uma nação ou grupo étnico, ele é empregado de forma didática para nos referirmos à humanidade em sua origem. Todos os seres humanos procedem de Adão, de modo que, antes da formação de qualquer povo ou nação, a história bíblica apresenta a humanidade a partir de uma origem comum. Por isso, não devemos tratar os “adamitas” como um povo específico, mas como uma categoria primordial da humanidade, anterior às distinções posteriores entre povos, línguas e nações.

➔ Adão não é o primeiro israelita, hebreu ou semita; é o primeiro homem e a origem da humanidade, aquele a quem Deus primeiro se revelou e de cuja descendência surgiram, posteriormente, os diversos povos.

📖 **Gn 5.1:** “Este é o livro da genealogia de Adão. No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez.”

📖 **Lc 3.38:** “filho de Enos, filho de Sete, filho de Adão, filho de Deus.”

D – Setitas.

Os setitas são os descendentes de Sete, filho de Adão e Eva, nascido após a morte de Abel. A linhagem de Sete ocupa lugar importante na narrativa de Gênesis, especialmente por preservar a continuidade genealógica que conduz até Noé. O texto bíblico também associa essa linhagem à invocação do nome do Senhor, embora não se deva concluir que todos os descendentes de Sete fossem necessariamente fiéis a Deus. Assim, os setitas constituem uma linhagem genealógica, e não uma nação ou religião, situada antes da formação dos povos e das identidades posteriores da história bíblica.

→ Embora os setitas não constituam uma nação, a linhagem de Sete se diferencia na narrativa bíblica como uma linhagem anterior ao dilúvio associada à continuidade da revelação adâmica. Trata-se, portanto, de uma realidade muito anterior à formação dos hebreus e de Israel.

📖 Gn 4.25-26: *“Tornou Adão a coabitar com sua mulher; e ela deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Sete; porque, disse ela, Deus me concedeu outro descendente em lugar de Abel, que Caim matou. A Sete nasceu-lhe também um filho, ao qual pôs o nome de Enos; daí se começou a invocar o nome do Senhor.”*

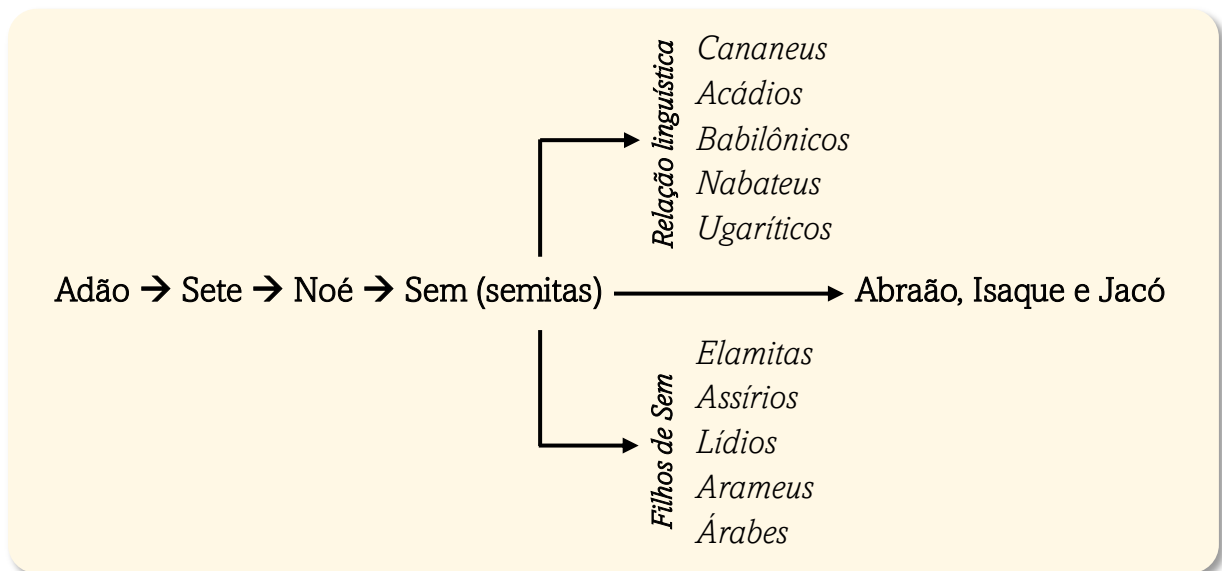
📖 Lc 3.38: *“filho de Enos, filho de Sete, filho de Adão, filho de Deus.”*

E – Semitas.

Os semitas não constituem uma nação ou um povo específico na Bíblia, mas uma categoria de caráter histórico-linguístico. O termo pode ser compreendido em dois sentidos: genealogicamente, refere-se aos descendentes de Sem, filho de Noé (Gn 10.21–22), entre eles Elão, Assur e Arã; linguisticamente, designa povos cujas línguas pertencem à família semítica. Entre estes estão acádios, assírios, babilônios, arameus, cananeus, hebreus e diversos povos árabes. Portanto, “semita” é uma categoria mais ampla que “hebreu”, “israelita” ou “judeu” e não deve ser confundida com essas designações.

Algumas notas e cuidados importantes:

- **A associação entre “semitas” e Sem**, filho de Noé, é uma classificação tradicional e bíblica baseada na genealogia de Gênesis 10–11, enquanto o uso moderno de “semítico” é principalmente linguístico.
- **Nem todo descendente de Sem era necessariamente semita** no sentido linguístico, e nem todo povo de língua semítica é apresentado pela Bíblia como descendente direto de Sem.



- **Cananeus** — falavam línguas cananeias, muito próximas do hebraico. Na genealogia bíblica, são apresentados como descendentes de Cam, e não de Sem (Gn 10.6). Portanto, são classificados como semitas pelo critério linguístico, não pela genealogia apresentada em Gênesis.
- **Acádios** — povo da Mesopotâmia, cuja consolidação política está associada a Sargão de Acade (c. 2334–2279 a.C.). Mantiveram intenso contato cultural com os sumérios e utilizaram a escrita cuneiforme. Falavam o acádio, uma língua semítica do ramo oriental. Não são identificados explicitamente na Tabela das Nações como descendentes de Sem; portanto, sua classificação como semitas é linguística.
- **Babilônicos** — herdeiros culturais dos sumérios e acádios, na Baixa Mesopotâmia, com Babilônia como principal centro político e cultural. Sua língua, o babilônico, era uma variedade do acádio e, portanto, uma língua semítica. A tradição bíblica associa a região de Babilônia à cidade edificada no território de Ninrode, descendente de Cam (Gn 10.8–10). Assim, sua classificação como semitas é linguística, não uma identificação genealógica direta com Sem.
- **Nabateus** — povo árabe de língua semítica que floresceu principalmente entre os séculos IV a.C. e II d.C., controlando importantes rotas comerciais e tendo Petra como seu principal centro. Falavam uma variedade do aramaico nabateu e posteriormente foram influenciados pelo árabe. Não são identificados diretamente na Tabela das Nações; sua classificação como semitas decorre principalmente de sua língua e contexto histórico-cultural.
- **Ugaríticos** — habitantes de Ugarit, cidade-estado localizada na atual Ras Shamra, na costa da Síria, especialmente florescente entre os séculos XIV e XII a.C. Falavam ugarítico, uma língua semítica do noroeste, linguisticamente próxima das línguas cananeias e do hebraico. Sua importância para os estudos bíblicos decorre sobretudo dos textos religiosos e literários descobertos nas escavações de Ugarit.

- **Elamitas** — povo do sudoeste do atual Irã, tendo Susa como importante centro. Possuíam uma civilização própria desde o terceiro milênio a.C. e são apresentados genealogicamente como descendentes de Elão, filho de Sem (Gn 10.22). Linguisticamente, porém, o elamita não é classificado como língua semítica, constituindo um importante exemplo da distinção entre genealogia bíblica e classificação linguística moderna.
- **Assírios** — povo da Alta Mesopotâmia, com centros como Assur, Nínive e Calá. Construíram um dos grandes impérios do Antigo Oriente Próximo, especialmente entre os séculos IX e VII a.C. São associados genealogicamente a Assur, filho de Sem (Gn 10.22), e falavam o assírio, uma variedade do acádio e, portanto, uma língua semítica.
- **Lídios** — povo da Anatólia ocidental, com Sardes como capital, conhecido pela riqueza de seu reino, especialmente sob o rei Creso. Tradicionalmente, são associados a Lude, filho de Sem (Gn 10.22). Entretanto, o lídio pertencia ao ramo anatólio das línguas indo-europeias, não à família semítica. Também aqui há uma distinção importante entre a genealogia de Gênesis e a classificação linguística moderna.
- **Arameus** — povos de língua aramaica que se estabeleceram em diversas regiões da Síria e da Mesopotâmia, formando vários reinos e cidades-estado, entre eles o reino de Arã-Damasco. O aramaico tornou-se posteriormente uma importante língua franca do Oriente Próximo. São apresentados na genealogia bíblica como descendentes de Arã, filho de Sem (Gn 10.22–23).
- **Árabes (antigos)** — termo que reúne diversos povos, tribos e reinos da Península Arábica, entre eles sabeus, mineus e himiaritas. Alguns grupos árabes são relacionados, na tradição bíblica, à linhagem de Joctã, descendente de Éber e, portanto, da linhagem de Sem (Gn 10.25–30). Outra tradição bíblica liga tribos árabes do norte a Ismael, filho de Abraão, também descendente de Sem. Falavam dialetos árabes antigos ou línguas sul-arábicas, da família semítica.

📖 Gn 5.32: “Era Noé da idade de quinhentos anos e gerou a Sem, Cam e Jafé.”

📖 Gn 9.24-26: “Despertando Noé do seu vinho, soube o que lhe fizera o filho mais moço e disse: Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos. E juntou: Bendito seja o Senhor, Deus de Sem; e Canaã lhe seja servo.”

📖 Gn 12.1-3: “Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra.”

→ Nota importante: Semitismo, antissemitismo, sionismo e antissionismo.**▪ Semitismo e antissemitismo:**

O termo “semitismo” deriva de “semita”, originalmente empregado em sentido linguístico para designar povos cujas línguas pertencem à família semítica ou no sentido genealógico, os descendentes de Sem, filho de Noé. Contudo, especialmente a partir do século XIX, “semita” passou a ser utilizado no discurso europeu de maneira cada vez mais associada aos judeus, enquanto o termo “semitismo” passou a aparecer relacionado à identidade e à cultura judaicas.

Nesse contexto surgiu o termo “antissemitismo”, cunhado no século XIX para designar especificamente a hostilidade, o preconceito ou a discriminação contra os judeus. Embora, linguisticamente, “semita” possa abranger diversos povos, o uso histórico consolidado de antissemitismo refere-se à oposição ou hostilidade dirigida aos judeus, e não a todos os povos de língua semítica.

▪ Sionismo e antissionismo:

O sionismo é um movimento político que defende a autodeterminação do povo judeu e a criação e manutenção de um Estado nacional judaico soberano na região historicamente associada à antiga Terra de Israel. O termo deriva de Sião, nome associado a Jerusalém e, posteriormente, utilizado como referência à própria terra de Israel.

O movimento ganhou força no final do século XIX, especialmente entre judeus da Europa Centro-Oriental, em meio às perseguições e ao antissemitismo. A proposta incluía a imigração de judeus para a Terra de Israel, então sob domínio do Império Otomano, e o estabelecimento de comunidades judaicas na região.

Em 1896, Theodor Herzl publicou *O Estado Judeu*, defendendo que o antissemitismo somente poderia ser enfrentado de maneira definitiva mediante a criação de um Estado nacional judaico. Em 1897, o Primeiro Congresso Sionista, realizado em Basileia, estabeleceu a Organização Sionista Mundial, dando ao movimento uma estrutura política internacional e impulsionando a imigração judaica para um retorno a Terra de Israel.

O antissionismo é a oposição ao sionismo, podendo assumir dimensões políticas, ideológicas, morais ou religiosas. A expressão pode referir-se à rejeição da criação de Israel como Estado judeu, à oposição ao seu caráter nacional judaico ou à crítica de suas políticas, especialmente em relação aos palestinos e aos territórios ocupados. É importante, contudo, distinguir antissionismo de antissemitismo: embora possam aparecer associados em determinados contextos, a oposição ao sionismo não é, por si só, sinônimo de hostilidade aos judeus; o antissemitismo, por definição, dirige-se especificamente contra os judeus.